

## CULTURA

# Esta é uma exposição sobre o racismo em que o comissário é um optimista

No Padrão dos Descobrimentos estão reunidos 500 anos de pintura, escultura, cerâmica e fotografia para se perceber como evoluiu a discriminação, algo que está longe de ter que ver apenas com a cor da pele

**História**  
Lucinda Canelas

Logo a abrir há uma pintura do começo do século XVI, de Quentin Metsys, que pode causar alguma estranheza numa exposição sobre racismo, mas só a quem não conhecer a obra do seu comissário, o historiador Francisco Bethencourt, em particular o livro *Racismos: Das Cruzadas ao Século XX* (Temas & Debates). O óleo do pintor flamengo é uma *Flagelação de Cristo* em que Jesus está atado a uma coluna, rodeado de homens que troçam dele, rindo-se e puxando-lhe o cabelo. Uns limitam-se a observar, outros parecem claramente contentes por testemunhar esta cena de martírio.

“Todos os estereótipos estão lá”, diz o académico português que dá aulas no King’s College, em Londres, “os narizes grandes, aduncos, a boca, o riso... Estes homens são claramente judeus”. E sendo judeus, explica, isso torna pertinente a inclusão da obra numa exposição que quer mostrar que o racismo é muito anterior à teorização que dele se faz (a palavra só surge no final do século XIX) e que está longe de se resumir a uma discriminação baseada na cor da pele.

“Se concentrarmos o racismo na cor da pele, pomos de fora a perseguição contra os cristãos-novos em Portugal e noutros países, excluímos dois dos principais genocídios do século XX, o dos judeus e o dos arménios”, explica ao PÚBLICO Bethencourt, repetindo a definição de racismo que formula no seu livro, “depois de a trabalhar durante anos para que fosse suficientemente ampla”, e a que há-de recorrer mais do que uma vez durante a visita guiada à pequena exposição do Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa, integrada na Lisboa 2017 Capital Ibero-Americana de Cultura: “Preconceito face a descendência étnica combinado com acção discriminatória. Se o dissermos assim, podemos defender que a perseguição aos judeus e muçulmanos em Portugal nos séculos XV e XVI, é racismo.”

É porque gosta do tempo longo, diz, que quis abordar a tensão entre racismo e cidadania que caracteri-



Francisco Bethencourt faz uma visita guiada a *Racismo e Cidadania*

zou a expansão portuguesa entre os séculos XV e XX, período em que se expulsaram muçulmanos, se forçou a conversão de judeus, se ocuparam o Brasil e territórios em África e na Ásia, se assistiu a mais de 400 anos de escravatura e depois à sua abolição, e se descolonizou, com todos os desafios e dificuldades.

É através da pintura, da escultura, da cerâmica, da fotografia, da gravura, do vídeo, da publicidade e de uma pequena colecção etnográfica que *Racismo e Cidadania* quer levar

os visitantes a reflectir sobre os processos históricos que conduziram à segregação de minorias em território nacional e à discriminação das populações locais nas antigas colónias. “O importante é que as pessoas olhem para a história para melhor compreenderem o presente.” Um presente que está longe de ser perfeito, reconhece, mas que o historiador vê com optimismo. “A última secção da exposição é consagrada ao mundo pós-colonial, o mundo pós-Revolução de 1974 em que há acesso à cidadania,

em que o racismo é punido por lei. Se desapareceu? Não, claro que não, mas já se fez um caminho longo.”

### Reflexão pós-colonial

Dividida em dois grandes núcleos, o primeiro focado no período do século XVI ao XVIII, o segundo nos séculos XIX e XX e na colonização moderna, *Racismo e Cidadania* (até 3 de Setembro) começa por expor os preconceitos contra judeus e muçulmanos, ainda no século XV, seguindo depois para uma secção em que se evidencia a inferiorização de africanos e asiáticos ao longo de centenas de anos, através de objectos de submissão dos escravos que os portugueses começaram a traficar em larga escala logo no começo da expansão, reproduções de gravuras de Jean-Baptiste Debret em que se mostram os castigos corporais aplicados a estes seres humanos e pinturas como a que representa o pajem negro do futuro rei Afonso VI, visto como um acessório de corte.

“Por vezes os africanos, os asiáticos e os índios do Brasil são usados para representar o demónio, outros são simplesmente instrumentos exóticos que mostram um império imenso e têm até lugar de destaque.”

Este primeiro bloco da exposição termina com a chamada teoria das raças, dos séculos XVIII e XIX, em que se faz uma distinção das várias raças em função daqueles que se julgavam ser os seus atributos naturais.

Quando o termo racismo surge, muito depois de ter surgido o fenómeno, não tinha o significado que hoje tem: “A teoria das raças multiplica o racismo e justifica-o durante muito tempo, sendo depois apropriada pelos movimentos nacionalistas dos anos 1920 e 30, mas quando surge ela resulta de uma dinâmica científica que procura compreender os vários tipos humanos.”

O segundo grande núcleo começa com imagens do tráfico de escravos que se prolongam pelo século XIX, apesar dos esforços progressivos no sentido da abolição. Daí passa-se para fotografias do trabalho forçado nas colónias; para a erotização das mulheres africanas; para a forma como a imprensa procurava inferiorizar os negros; e para as grandes exposições dos anos 1930 e 40, em que o ambiente dos territórios ultramarinos era recriado como se de um parque temático se tratasse.

No último bloco, a arte contemporânea portuguesa e africana encontra-se para falar de um presente que se alimenta da memória. Do angolano Nástio Mosquito há um vídeo que aponta para uma reflexão pós-colonial dos artistas africanos; do moçambicano Gonçalo Mabunda, uma escultura feita com restos de materiais de guerra. “Os artistas africanos têm vindo a participar muito no debate pós-colonial”, defende o historiador. E essa reflexão não sendo suficiente para atenuar tensões que ainda persistem? E a história da colonização é ainda, sobretudo, uma narrativa feita pelos académicos das antigas potências colonizadoras? “Eu sou um optimista. Acho que também nessa matéria se tem melhorado muito. A própria teoria das raças foi virada ao contrário pelos afro-americanos – foi usada para inferiorizar, mas eles hoje fazem da raça, do ser negro, um instrumento identitário.”

lcanelas@publico.pt